

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

MÁRCIA OLIVEIRA STA CECÍLIA GONÇALVES

SANDRA LUIZA DE OLIVEIRA

SUELI DE MELO ALVARES

TÂNIA DE OLIVEIRA DE SOUSA

VÂNIA BENTA BOMFIM DE OLIVEIRA

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS PARA O ENSINO DA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL

Brasília, 2005

MÁRCIA OLIVEIRA SANTA CECÍLIA
SANDRA LUIZA DE OLIVEIRA
SUELI DE MELO ÁLVARES
TÂNIA DE OLIVEIRA DE SOUSA
VÂNIA BENTA BOMFIM DE OLIVEIRA

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS PARA O ENSINO DA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientador: Antonio César Nascimento de Brito

Brasília, 2005

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, amigos e professores, pelo carinho, paciência e cumplicidade que nos impulsionaram na busca desta realização e ao nosso mestre Antonio César Brito, que nos ensinou a mudar o olhar.

*“Quero aprender sua lição
Que faz tão bem pra mim
Agradecer de coração
Por você ser assim
Legal ter você aqui
Um amigo em que eu possa acreditar
Queria tanto te abraçar
Pra alcançar a estrada não vai ser fácil
Mas se eu ti pedir você me ensina
Como descobrir qual é o melhor caminho
Foi com você que eu aprendi
A repartir o tesouro
Foi com você que eu aprendi
A respeitar os outros
Legal ter você aqui
Um amigo em que eu possa acreditar
Queria tanto te abraçar
Pra mostrar pra você
Que eu não esqueço mais
Essa lição
Amigo eu ofereço essa canção
Ao mestre com carinho”.*

(Eliana)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pelo dom da sabedoria e pela fortaleza que sempre nos impulsiona na busca de novos objetivos, conhecimentos e conquistas.

EPIGRAFE

“De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber se deixar conduzir pela história. É preciso conhecer a história para compreender como determinada história pede para ser contada. E para poder contá-la do modo que ela pede, é necessário conhecer diferentes formas e recursos possíveis de serem escolhidos dentro de um repertório. Então, a técnica é a escolha de um determinado modo de contar, a partir de uma intenção, e levando em consideração, além dos recursos internos, outros tipos de recursos que possa ser descoberto pelo contador de histórias”. (Regina Machado, 2004, p.74).

RESUMO

A Literatura Infanto-juvenil, por ter sido originada na Europa, trazia consigo textos que não faziam parte da realidade brasileira, e sim formas de manipulação e controle sobre os filhos e alunos. Somente a partir do século XX, Monteiro Lobato dá início a uma nova concepção de Literatura Infanto-juvenil, onde a criança é vista como criança; seus medos, alegrias, fantasias, ansiedade e o seu cotidiano é valorizado e compreendido, o que faz com que suas obras sejam apreciadas por crianças e adultos. Hoje percebemos que o professor precisa dedicar-se mais no ato de contar histórias, pois é possível perceber que a criança não tem o hábito de ler e manusear livros, sendo necessário usar da criatividade a fim de estar buscando meios para resgatar esse hábito que é tão valioso e prazeroso. Percebemos que a utilização de recursos diversos, tais como: expressão corporal, entonação de voz, fantoche, dedoches, avental e outros são fundamentais para o resgate e o gosto em ler e ouvir histórias de Literatura Infanto-juvenil. Ao trazer a literatura para a sala de aula é necessário que o professor estabeleça uma relação dialógica entre o aluno, o livro, sua cultura e a realidade na qual está inserida. Além de contar história, é preciso criar condições para que a criança trabalhe a história a partir de seu ponto de vista. Para a realização da nossa pesquisa teórica e prática, que foram desenvolvidas em quatro escolas distintas, localizadas nas seguintes Regiões Administrativas: Ceilândia, Núcleo Bandeirante, Planaltina e Santa Maria, com alunos na faixa etária entre quatro e quinze anos, o que nos deu uma visão do interesse de cada um diante das atividades propostas. Com a escolha de seis histórias que foram contadas com recursos diferentes, observamos que quando há recursos atrativos a criança interage e concentra-se no que está sendo transmitido, o que é prazeroso e estimula o gosto em estar lendo e manuseando livros de Literatura Infanto-juvenil. Percebemos que as crianças que têm maior faixa etária têm dificuldades de concentração e interesse. Sendo assim é necessário que pais e educadores estejam revendo suas posturas diante da relevância desse hábito que está sendo perdido e esquecido, devido às inovações tecnológicas que, no ponto de vista da maioria, é mais cômodo e divertido.

Palavras-chave: fantasia; cultura; emoção.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA EUROPA E NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX.....	11
2.2. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CONCEPÇÃO DO INDIVÍDUO.....	12
2.3. A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA	16
2.4. O CONTADOR DE HISTÓRIAS.....	19
2.5. RECURSOS UTILIZADOS NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	21
3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
3.1. RELATO DAS ATIVIDADES.....	25
4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	28
5. CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
APÊNDICES.....	34

1. INTRODUÇÃO

A educação é, em todas as dimensões, um grande desafio que se reflete no compromisso, no respeito e na necessidade de continuar a estudar sempre.

O professor precisa desenvolver a competência de administrar sua própria formação para que possa intervir no processo de argumentação para fazer com que o educando se interesse pela literatura.

No ensino da literatura, a utilização de recursos como forma de prazer, tais como: entretenimento, lazer, enriquecimento cultural, valores, compreensão do mundo, e ainda, cantigas de ninar, contar e recontar histórias, dramatizações e imaginação possibilitam a utilização da criatividade na arte da literatura, onde o educando passa a ser parte integrante da história, vivenciando suas fases e fazendo leituras.

É fundamental, portanto, que a escola e a família se encontrem numa estreita sintonia, pois desse compasso quanto aos valores essenciais que devem transmitir, podem surgir ações benéficas ao educando. Juntas, família e escola podem corrigir as carências de ambas.

A sociedade, hoje, encontra-se na busca de evolução tecnológica, que lhe é imposta, sendo mais prático aos familiares seja por falta de tempo ou comodismo, colocar os filhos em contato com essa “tecnologia” e assim ocupar-se de outras atividades, deixando o educando afastado da literatura que é prazerosa, segura e primordial no reforço dos laços familiares, pois ao contar histórias há um envolvimento emocional que dá vazão ao imaginário já que o papel dos pais e educadores é proporcionar às crianças o hábito de manusear livros, afim de que a literatura torne-se um elo de afetividade entre o leitor e o receptor.

A escola por sua vez, deve começar a reorganizar-se para desenvolver competentemente o trabalho pedagógico que se destina a leitura de literatura, criando nas escolas bibliotecas com livros voltados para o público infanto-juvenil, capazes de trabalhar o resgate dos valores no educando e adotar também uma política de conscientização dos professores no que diz respeito ao estímulo às crianças ao hábito de ler, que é tão importante e essencial ao longo do processo educacional.

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, é necessário que o professor estabeleça uma relação dialógica entre o aluno, o livro, sua cultura e a realidade na qual está inserida. Além de contar histórias, deve criar condições para que a criança trabalhe a história a partir de seu ponto de vista, criando novas situações, onde as próprias crianças vão construindo uma nova história, que retrate sua própria história de vida. As crianças precisam

identificar-se com os personagens, o sonho e a fantasia devem misturar-se num momento único. É preciso proporcionar ao aluno uma boa orientação, assegurando a criança um trabalho de caráter formativo, onde ela aprenda brincando em um mundo de imaginação e fantasia, sem cobrança e avaliações tradicionais.

Refletindo sobre estas questões, buscamos em nossa pesquisa fontes e recursos que nos ofereçam subsídios para proporcionar momentos de desenvolvimento do gosto e prazer da leitura de literatura, estabelecendo relações na utilização lúdica como: jogos, brincadeiras, valores no ensino da literatura infanto-juvenil e o prazer de ler.

Esses meios devem ser utilizados para que haja uma integração afetiva entre pais-filhos-educadores com a finalidade de interagir com a literatura, promovendo a busca do levantamento sobre a literatura Infanto-Juvenil no Brasil e na escola, uma vez que esse processo privilegia e contribui para o crescimento do indivíduo que busca a compreensão do mundo que vive já que hoje estes recursos estão mais acessíveis a todos os segmentos de classes sociais no qual antes era de privilégio somente da classe dominante, como forma de manipulação e controle das classes menos privilegiadas.

Cabe hoje aos pais e educadores, enfatizar a arte de contar história, proporcionando ao indivíduo o poder de modificar, descobrir, renovar e inventar para que construa e organize em sua mente atos que farão com que ele adquira habilidades, gosto e prazer pela leitura de literatura, utilizando as técnicas da arte de contar histórias (dramatização, conto e reconto, fantoche e outros) bem como, saber utilizar essas técnicas coerentemente, pois sabemos que o gosto da arte de ler começa em saber ouvir e o bom ouvinte saber transmitir com criatividade e perspicácia histórias que fluem do seu próprio eu. Para isso é necessário que haja pré-requisitos como: ter uma boa leitura, domínio, segurança, entonação e incorporar o personagem de contados de histórias, transmitindo com conforto e na íntegra o que leu.

Ao contar histórias lembramos que é necessário propor meios para que o indivíduo mantenha o elo com a sonoridade das cantigas de ninar, intensificando a musicalidade e a afetividade, proporcionar ao indivíduo uma retrospectiva de momentos prazerosos vividos e relacionados com as diversas formas de literatura.

Através de observar, perceber, descobrir e refletir sobre o mundo, interagir com meus semelhantes de maneira harmoniosa e afetiva, que a leitura integra e argumenta com a visão crítica da realidade, sendo necessário que o contador seja seguro e convincente para transparecer seu potencial e magia diante de quem as escutam.

A importância de um projeto de leitura de literatura que seja capaz de trabalhar o resgate dos valores no educando é indispensável na realidade da escola e no ambiente familiar de cada indivíduo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA EUROPA E NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX.

O homem sempre teve necessidade de comunicar-se e expressar seus sentimentos, angústias, sonhos e medos e desde a época primitiva ele utilizava-se de meio para comunicar-se, entre eles a pintura e escultura em paredes.

Em nossos primórdios a literatura foi essencialmente fantástica na infância da humanidade, quando os fenômenos da vida natural e as causas e os princípios das coisas eram inexplicáveis pela lógica, o pensamento mágico ou mítico dominava. Ele está presente na imaginação que criou a primeira literatura: a dos mitos, lendas, sagas, cantos, rituais, contos maravilhosos e etc. A essa fase mágica já revelando preocupação crítica com a realidade com as relações humanas correspondem às fabulas. Nestas a imaginação, representada em figura de animais, os vícios e as virtudes que eram característicos dos homens. Compreendem-se, pois porque a literatura arcaica se transformando em Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças. (COELHO, 2000, p.52).

Devido à necessidade do homem se comunicar, o mesmo foi criando formas para expressar-se, chegando à escrita, o que facilitou a comunicação e veio a contribuir para a evolução humana, a partir daí ele começou a personificar nos animais as características humanas.

E a literatura surgida nos séculos XIX e XX veio a contribuir como uma forma de expressão mais acessível às crianças.

Sabemos que hoje no Brasil a literatura Infanto-juvenil é bem difundida, no entanto, nos primórdios da humanidade era recursos utilizado por poucos.

A literatura infantil brasileira nasceu tardiamente. Melhor dizendo, a modernização de nossa sociedade – condição essencial para o surgimento de livros para crianças – é que foi tardia; ocorreu entre os séculos XIX e XX, o que representa pelo menos duzentos anos de atraso em relação à Europa, que desde 1697 fazia circular entre a criangada Charles Perrault e seus confrades, que fundaram o gênero e instituíram o modelo. E foi só quando isso já tinha ocorrido e se cristalizado no além-mar que republicanos de nosso finde-Siécle, defensores da escola e da alfabetização começaram a produzir nas horas vagas, material de leitura

para os pirralhos nativos. Figueiredo, Pimentel, Julia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Olavo Bilac, Coelho Neto, Francisca Julia e outros habitantes do parnaso, freqüentadores do Colombo e enamorados da academia foram pioneiros na produção de contos e poemas infantis, textos que constituíam o primeiro material de leitura disponível para a criançada brasileira. Criançada brasileira, já se sabe, é modo de dizer. O público infantil que naqueles idos d'antanho consumia ficção e poesia era pequeno se comparado às levas de crianças que não tinham acesso à infância nem à escola nem à leitura. (KHEDÉ, 1986, p.44)

Com o surgimento da literatura infanto-juvenil no Brasil nos séculos XIX e XX, percebeu-se que a literatura percorreu vários anos até chegar ao público brasileiro, o que nos deixou em condições desfavoráveis em relação à literatura, ocasionando uma falta de conscientização e valorização da mesma como um meio de obter prazer, conhecimento e autonomia.

Com a colonização do nosso país deixamos de obter uma literatura propriamente brasileira, tornando-nos importadores da literatura européia, ocasionando uma perda da essência da nossa cultura em razão de nossos colonizadores que nos impuseram suas tradições, costumes e culturas. Essas imposições permitiam que o nosso desenvolvimento pedagógico sempre estivesse voltado para a cultura européia não levando em consideração os habitantes e as culturas existentes no nosso país.

2.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CONCEPÇÃO DO INDIVÍDUO.

É fundamental que a mãe durante sua gestação tenha um laço afetivo com o feto, bem como todos os que o cercam a fim de proporcionar um ambiente prazeroso que venha a contribuir para um desenvolvimento harmonioso de cheio de afetividade para a criança.

A criança desde a sua concepção tem contatos diretos com a sonoridade, pois em todas as culturas a música, poema e literatura são vistas conforme as tradições populares de cada povo. Podendo gerar influências positivas e negativas em cada ser.

A música traz à lembrança, sons primordiais como as batidas do coração da mãe, quando no útero materno. Talvez por esse motivo, tenha poderes reconfortantes [...] uma criança, ao nascer, encontra-se de imediato envolvida pela paisagem sonora em que vive sua família e a comunidade a que pertence. (Currículo da Educação Básica da Educação Infantil do Distrito Federal. 2002, p.31).

A música desenvolve juntamente a afetividade emocional trazendo a sensação de conforto e desconforto, prazer e desprazer, por isso ela deve ser bem trabalhada desde o primeiro momento da concepção da criança, pois é ela que fará com que a criança supere as diversidades impostas pela vida, tendo a mãe subsídios que respaldarão na formação da conduta do novo ser, que será uma criança bem estruturada emocionalmente, o que deixará os seus genitores mais seguros quanto a sua formação.

Octavio Paz afirma que *“o ritmo não só é elemento mais antigo e permanente da linguagem como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala”*. (in KIRINUS, 1998, p.24).

A musicalidade, a sonoridade é primordial na infância da criança, mesmo quando ela está sendo gerada, pois é através das vibrações sonoras que ela exterioriza suas emoções de maneira positiva ou negativa, conforme a situação que a genitora esteja passando.

Sobre esse assunto Gabriela Mistral, citada por Kirinus (1998), diz que a mãe e o nenê são intermediados pela poesia, ou seja, pela sonorização, pela sensibilidade, cumplicidade que um transmite para o outro. O que vem a reforçar que estes vínculos emocionais estarão presentes na sociedade e são bases para uma vida. E é este estado mental que diz que iniciou a interiorização da linguagem em geral e poética, fazendo com que a criança absorva o seu aprendizado tanto de maneira positiva quanto de negativa.

A criança, dotada geneticamente de sua natureza mitopoética o seu inatismo lingüístico engloba a função poética da linguagem e receptora desde os primeiros meses de vida de toda uma carga sonora ricamente permeada de ritmo e melodia. Ela ouve rimas e estribilhos emitidos pela mãe num tom afetivo de alto grau. (KIRINUS, 1998, p.24).

Quando a genitora tem consciência e coloca em prática o hábito de conversar, cantar, contar histórias e acariciar o feto, através da barriga, ela passa segurança e estabelece laços que vêm a contribuir para que a criança torne-se um ser sociável, onde ele possa estar resolvendo os conflitos que a sociedade nos coloca, de maneira mais consciente tendo como referencial a família quer o estimulou desde a gestação.

Segundo Arroyo, os professores do fim do século XIX e começo do século XX perceberam, as mais das vezes que a leitura dos clássicos de várias línguas era consideravelmente pesada para as crianças. Se não foi essa a razão, pode-se apontar o próprio desenvolvimento pedagógico como causa do aparecimento dos livros de leitura para as escolas, substituindo propriamente uma literatura infantil, de que raras sensibilidades no Brasil então cogitavam. Esta nova orientação pedagógica seria

logo bem entendida por professores e professoras nacionais.
(KHEDÉ, 1986, p.35)

Essa literatura era formal dificultando o entendimento das crianças, pois essa linguagem não fazia parte de sua vivência. Percebe-se que entre os séculos XIX e XX as crianças tinham acesso à literatura proveniente de Portugal, o que não trazia estímulos e prazer em lê-las, pois se tratava de clássicos que não faziam parte da realidade brasileira e pregavam obediência às crianças impostas por pais e educadores, tudo isso era uma forma de manipulação e controle que era utilizado pelas classes dominantes a fim de deter o poder.

No entanto, só se pode falar em literatura feita no Brasil a partir do século XX. O marco é Monteiro Lobato (1882-1948), que lança em 1921 “*A menina do nariz arrebitado*” [...] ao colocar a menina como personagem central, Lobato situa a própria criança no centro da narrativa. Além disso, ela tem característica de uma menina real: é traquina, esperta que possui uma avó que permite que viva conforme sua idade, estimulando a fantasia e o lúdico. (PAZOS, in FELIX, 2005, p.26).

Monteiro Lobato apesar de ser adulto conseguiu escrever Literatura Infanto-Juvenil com a visão de criança, motivando seus leitores e precursores a apreciar e sentir prazer de ler a Literatura Infantil, explorando a fantasia e o mágico em suas histórias, além de valorizar os povos, seus costumes e sotaques das diversas regiões do Brasil, utilizando-se das tecnologias de cada época a fim de construir, desconstruir e reconstruir conhecimentos e verdades. Ele foi o único em seu tempo a conseguir escrever literatura para criança, com visão de criança e não vendo a criança como uma miniatura do adulto.

Ao mesmo tempo em que o modo de produção lobatiano é moderno, sua obra infantil constitui uma prática literária que é simultaneamente instrumento e fruto de um projeto de modernização social. Manipulando vários elementos das histórias do Sítio, Lobato favorece a fidelidade de seus leitores. (KHEDE, 1986, p. 49).

Quando ele integra em suas obras a pluralidade cultural do país e aproxima suas obras da realidade, o que faz com que seus leitores sintam-se parte integrante da história e do enredo, oportunizando as crianças a gostar de ler, manipular livros e a conhecer a realidade do país através dos livros.

A partir deste marco houve um período em que não se ouviu falar em literatura infanto-juvenil, apesar de terem surgido obras tão boas como, porém não reconhecidas. Daí então foi que:

(...) depois de Monteiro Lobato, foi somente nas décadas de 70 e 80 que a literatura infantil recuperou seu vigor nos catálogos das editoras. Esse crescimento não ocorreu desmotivado. Operou-se pela necessidade da indústria editorial de ampliar suas faixas de público, que não área dos adultos, minguavam no tocante ao consumo de literatura, em vista do progressivo abandono do hábito da literatura. (BORDINI, in KHEDÉ, p. 96).

Somente nas décadas de 70 e 80 foi que as indústrias perceberam que os adultos já não estavam mais lendo. Sentiram a necessidade de estar investindo em produções literárias para crianças, já que os pequenos eram possíveis consumidores, uma vez que a indústria percebendo isso injetou recursos financeiros apostando em obras literárias infantis.

Os livros dessas décadas tinham como colaboradores os professores que relacionava os livros à aprendizagem de uma forma mais reflexiva e crítica.

Observa-se que a partir dessa décadas de 70 e 80 surgiram novos autores, tais como: Maria Antonieta Antunes Cunha, que direcionaram seus trabalhos ao público infantil, pois perceberam que este público era o que mais consumia livros, utilizando-se de assuntos apropriados à faixa etária, de interesse da própria criança de sua cultura, para isso teriam que chamar a atenção e conquistar o pequeno leitor através das ilustrações, cores, texturas, enredo em que a criança sintasse atraída a manuseá-la e a descobri-la.

A valorização de sua temática, no entanto, não era tão bem vista nas escolas, pois os professores, ao estarem em contato com a sua literatura, pediam aos alunos que corrigissem o seu português, já que na visão dos mesmos, a linguagem da literatura teria que ser culta.

Daí então é que outros autores como Edy Lima (com sua obra *A Vaca Voadora*, 1972; *A Vaca Deslumbrada*, 1973; *A Vaca na Selva*, 1973) e João Carlos Marinho que, com a obra *O Gênio do Crime* e com a mais recente obra *Sangue Fresco* (1982), reataram os laços com a Literatura Infanto-juvenil de Monteiro Lobato, que até então é voltada ao público infantil, agradando até hoje a todas as faixas etárias.

Contudo, hoje contamos com autores que estão enriquecendo o mundo mágico da Literatura, em que exploram questões sociais que envolvem valores, respeito, entre outras que, de forma prazerosa e significativa, colaboram para o enriquecimento e desenvolvimento estimulante no mundo da Literatura Infanto-juvenil como muitos autores consagrados e com prestígio como: Ana Maria Machado, Ziraldo Alves Pinto, encantando a todos com sua

inventividade, criando personagens já utilizados por Monteiro Lobato, retirados da própria cultura brasileira o folclore, como o Saci Pererê.

2.3 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Ao se pensar em escola necessita-se falar do seu papel.

Cada escola, mesmo pertencendo a um sistema público, precisa ostentar feição própria, desenvolver projeto que atenda às necessidades específicas de seus alunos, voltar-se para a comunidade onde se insere, e acompanhar os avanços científicos tecnológicos. (Currículo da Educação Básica, Ensino Fundamental 1ª a 4ª Séries, 2002, p.13).

O papel da escola é o de dar continuidade aos laços afetivo-emocionais que tratamos anteriormente na concepção genética da criança, proporcionando a ela uma continuidade dos vínculos sonoros oferecidos pela musicalidade, uma vez que as crianças no início de sua escolarização e aquisição da linguagem, prestam apenas atenção seletiva a fala que ouvem.

Fazendo com que o papel do educador seja parecido com o da escola, que deve sempre estar atento ao desenvolvimento da criança, acompanhando os avanços científico-tecnológicos e os laços afetivo-emocionais.

Diante disso, percebe-se que as crianças ao chegar à escola trazem consigo lembranças dessas emoções, e que estão mais fragilizadas devido aos avanços tecnológicos que são impostos aos pais que por comodismo ou falta de tempo colocam seus filhos diante das tecnologias como: DVD's, TV's, computadores e outros, o que pode gerar um distanciamento afetivo entre a família.

Cabe à escola proporcionar ambiente acolhedor onde a criança sinta-se segura, o que oportunizá-la a experimentar diversos recursos que a escola dispõe para estar somando os seus desejos, anseios, sentimentos e autonomia.

Quando a criança inicia a fase escolar, ela imagina uma escola acolhedora, onde o imaginário e o real confundem-se, e o professor tendo consciência dos anseios da criança pode estar proporcionando um ambiente que venha a atender tais anseios, fortalecendo sua auto-estima e os vínculos afetivos.

Trabalhar com a Literatura Infanto-juvenil na escola é abrir as cortinas do mundo para a platéia de seres que buscam a construção do ser com sujeitos de uma sociedade. Cabe ao professor deixá-los sedentos de descobertas.

Através da literatura como fruição haverá a reflexão, por fim a aprendizagem. A Literatura Infantil fará com que essa aprendizagem sirva para a construção de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, porém a questionam e transformam.

A escola deve proporcionar situações que favoreçam o processo de construção, reelaboração e ressignificação do conhecimento, considerando os interesses e as particularidades da criança, a fim de que ela possa participar das decisões a seu respeito, identificando-se como um sujeito atuante e reconhecido como tal. (Currículo da Educação Básica, Ensino Fundamental 4 a 6 anos, 2002, p.26).

A Literatura Infanto-juvenil na escola possibilita que se faça cumprir o ideário de educação tão comentado na atualidade: a transformação. A escola necessita de elementos que façam cumprir este ideal. Sendo assim, a principal função da Literatura Infanto-juvenil é refletir sobre a realidade desmontando-a e remontando-a na busca da formação de opiniões críticas que questionam a situação real em que vive.

Ao se referir ao desenvolvimento da estrutura lingüística percebe-se que:

Esses elementos do estado inicial geneticamente determinado só podem entrar em funcionamento num determinado estágio do processo de maturação, de forma que o desenvolvimento lingüístico será função da maturação do substrato biológico da linguagem; (...) isto naturalmente, na dependência de a criança se encontrar em ambiente apropriado, ou seja, devidamente exposta aos atos da fala. (KIRINUS, 1998, p.27).

A leitura da Literatura Infanto-juvenil proporciona aos educadores observar o nível de maturidade em que a criança encontra-se, proporcionando trabalhar com elas de maneira que consigam atingir o seu desenvolvimento lingüístico aumentando o seu grau de aprendizado, já que este aprendizado está intrinsecamente ligado aos laços afetivo-emocionais.

Neste caso, o papel do educador é proporcionar meios de acesso aos livros bem como estimulá-los ao bom hábito de lê-los e criar seu próprio sentido de ser, através da manipulação do conta direto, em que a pessoa possa manipular, sentir, transformar de maneira que atenda todas as necessidades, bem como leitura literárias, para portadores de necessidades especiais, pois sabemos que os estímulos partem da grande maioria de sons, toques, manipulações e etc.

Atualmente na escola a leitura tem sido fundamentalmente um objeto de ensino, esquecendo-se de sua essência que é ler por prazer onde o indivíduo constrói gradativamente e adquire sua autonomia diante da sua realidade. Cabe ao professor estar sempre buscando formas de motivar o gosto pela Literatura em sala de aula, a fim de que o aluno perceba sua relevância na vida escolar e fora dela, como um instrumento de aquisição do saber.

(...) a escola não pode contentar-se com uma literatura mecânica e desestimulante. A escola precisa comprometer-se com muito mais do que isso. Ela pode e precisa comprometer-se com uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim estará ensinando seus alunos a usarem a leitura e os livros para viver melhor. (MEC, SEF, 2001, p.19).

E a escola bem como todos os seus segmentos têm o dever de construir o projeto político pedagógico baseando-se nas necessidades da comunidade escolar levando-as a refletir que a biblioteca assim como todos os seus acervos é uma riqueza e recurso que deve ser utilizado não só como fonte de pesquisa, mas como fonte de um enriquecimento literário.

A obra literária possibilita várias interpretações, uma vez que passa pelas percepções individuais e singulares do universo ali representado, assim em nossa sala de aula não podemos exigir interpretações iguais, já que cada indivíduo possui uma realidade escolar e social diferente que influenciam nessas interpretações, daí a importância de não se trabalhar Literatura Infanto-juvenil com o intuito de avaliar nos dias atuais a escola e a literatura tem ou deveriam ter uma só como função à de formar indivíduos em sua totalidade, levando ao educador a necessidade de perceber-se no papel de “responsável” para que a criança tenha o direito de vivenciar a inesgotável experiência da leitura.

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão, cada época compreendeu e produziu literatura ao seu modo. Conhecer esse “modo” e, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças e conhecer os ideais, valores e desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou e se fundamenta (...). (COELHO, 2000, p.27).

Tais observações levam-nos a refletir no que se refere ao conhecimento e uso da Literatura Infantil pelos pais e educadores, e como podemos contribuir para a autonomia dos alunos, despertando neles o senso crítico em sua realidade social.

É muito importante que o leitor se envolva, se emocione, aproprie-se das mensagens e leve a sua realidade.

A fim de fazê-los compreender que na literatura o real e o imaginário confundem-se, mas é necessário que no final a criança perceba e tire suas próprias conclusões.

Sabemos que dentro da literatura podemos resolver e solucionar vários conflitos que carregamos na vida, como as questões de morte, família, sexualidade, traição, beleza, religião e etc.

A fantasia ajuda a formar a personalidade, por isso não pode faltar na educação.

A leitura sempre teve um papel social de grande interferência na sociedade, mas é preciso que nós educadores tenhamos precaução para que o caráter dominador no processo educacional não a torne excludente.

2.4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS

A arte de contar histórias não requer do contador técnicas específicas, mas bons hábitos de leitura para que o mesmo possa interiorizar os textos e repassá-los na íntegra.

Cada um de nós sabe o que é preciso transformar para que possamos nos expressar melhor e sermos convincentes. Tomar contato com o que queremos mudar é o primeiro passo para mudar. Gostaria de deixar expresso minha crença de que contar histórias não é privilégio de poucos, e sim uma tarefa acessível a quem se dispor a desenvolvê-la. Afinal, a prática ainda é o caminho mais seguro. (BUSATTO, 2003, p.90).

É dispensável afirmar que a Literatura Infantil é um dos recursos mais encantadores no processo educacional. Todos nós amamos ouvir histórias e muitos de nós prolongamos esse prazer pela vida afora nos transformando em leitores vorazes.

Cabe ao contador de histórias trabalhar sua voz e a sua expressão corporal para que possa transmitir a história com boa expressão que possam compreendê-lo de maneira clara e objetiva.

Para ser um contador de histórias é necessário que se adquiram algumas habilidades como: boa entonação de voz e dicção, expressão corporal, como se vestir, ser um bom intérprete da narrativa, fazendo que o seu ouvinte libere suas emoções e sentimentos e assim conquistá-lo.

De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber se deixar conduzir pela história. É preciso conhecer a história para compreender como determinada história pode ser contada. E para poder contá-la de modo que ela pede, é necessário conhecer diferentes formas e versos possíveis de serem escolhidos dentro de um repertório. Então a técnica é a escolha de um determinado modo de contar, a partir de uma intenção e levando em consideração, além de recursos possam ser descobertos pelo contador de histórias. (MACHADO, 2004, p.74).

Através das diversas técnicas que o contador de histórias possa vir a utilizar é necessário que leia e conheça o texto e vivencie cada personagem e impressionar a criança tendo ou não intenção.

As histórias têm um poder de encantamento, sensibilizam cada um de maneiras diferentes e únicas, dependendo do seu estado emocional e afetivo.

Contar histórias de Literatura Infanto-juvenil é perpetuar sonhos, fantasias, crenças e pluralidade cultural que muitas vezes é esquecida por não ser passada através e gerações e também suscitar o imaginário e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas e encontrar outras idéias para solucionar questões, possibilitando um mundo de descobertas onde se podem superar os conflitos e redescobrir outros caminhos.

Cada contador de histórias tem as suas peculiaridades intrínsecas para contar a história, que pode partir da intenção, gosto, desejo a até mesmo por desafio, sendo que ele deve levar em conta e explorar as habilidades que mais lhe dê segurança. É fundamental também que o contador de histórias utilize a própria experiência de vida como recurso para dar vida aos personagens e a situações que estes vivem.

Quando uma professora fica frustrada porque as crianças não prestaram atenção à sua história, ela precisa saber que isso aconteceu não porque não é dotada, e sim porque não se preparou adequadamente. E que essa preparação é acessível, desde que certos princípios e pontos de referência sejam estabelecidos para que ela possa trilhar um caminho de aprendizado, não para que se torne uma contadora de histórias excepcional, mas para que possa realizar um trabalho eficiente, que permita que seus alunos se beneficiem com a experiência de escutar histórias. (MACHADO, 2004, p.73).

Para que isso não ocorra é necessário que o contador prepare-se da seguinte maneira:

- Um texto adequado ao público;
- Leitura e memorização do texto;

- Recursos materiais (vestuário, fantoches, máscaras e outros);
- Preparação do ambiente em que as pessoas envolvidas estejam confortáveis.

Esses recursos são importantes, mas o estado emocional do contador e o envolvimento dele com a história são fundamentais para o sucesso de seu trabalho.

2.5 RECURSOS UTILIZADOS NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

As histórias têm um poder de encantar os ouvintes e quando se utilizam recursos diversos enriquecem-se as histórias e faz-se com que esses momentos sejam únicos e eternos, cristalizando imagens, sons, vozes, personagens, emoções e outros.

(...) os contos de fadas fazem parte das atividades diárias na Educação Infantil e são explorados com criatividade pelos professores. Um tapete mágico confeccionado com retalhos pelos alunos, sinaliza que é hora de a professora Maristela contar história. Assim que ela coloca o tapete no chão, a turma senta ansiosa ao redor. “É importante criar esse universo de magia e curiosidade para facilitar o mergulho das crianças nas histórias”(...) (Nova Escola, 2005, p.55).

A utilização de diversos materiais lúdicos para apresentar a Literatura Infanto-juvenil é um meio que complementa o encantamento da criança junto ao texto. Faz-se necessário que o educador junto aos educandos construam os recursos para contar histórias, visto que esses tipos de materiais como: fantoches, dedoches, aventais, tapetes, jogos e outros, geralmente são inacessíveis devido aos seus valores monetários e muitos profissionais deixam de realizar tal atividade por não fazer uso da sua criatividade e de seus alunos.

Cabe ao educador estar explorando a criatividade e ampliar conhecimento do mundo que as crianças possuem, pela manipulação de diferentes objetos e materiais na exploração de suas características e pelo contato com diversas expressões artísticas, como: reaproveitamento de materiais na confecção de bonecos, livros, fantoches, jogos, fantasias e outros, o que vem a enriquecer as histórias e promover uma conscientização do meio ambiente.

Quando os educadores participam da confecção de materiais eles sentem-se valorizados e úteis perante o meio, que vem a contribuir para a valorização de materiais melhorando sua auto-estima e com isso, criando autonomia e um desenvolvimento intelectual mais crítico.

Ao estar fazendo isto prazerosamente, recuperamos parte da nossa memória.

Recuperar a literatura oral implica em colocar a memória para funcionar, buscar através das lembranças aquelas histórias que ouvíamos quando éramos pequenos. É solicitar à mãe e ao pai, aos avós que nos contam histórias que por sua vez eles ouviam de seus pais e avós. Poderemos nos surpreender com o que vamos ouvir. Recuperar é ir também a biblioteca e sebos, (geralmente onde estão os livros que mantêm as histórias em versos menos adulterados, livros escritos quando ainda se acreditava que era possível ler uma história com mais de três páginas). (BUSATTO, 2004, p.85).

Quando a criança é despertada dialogar com os familiares e buscar as histórias passadas, ele está conhecendo as culturas e costumes que eram alheias e, conseqüentemente, acrescentando valores, vínculos afetivos que muitas vezes só é possível através das histórias, por isso a escola deve despertar nos alunos a investigação que pode ser feita através dos diálogos com os familiares e também está explorando a biblioteca dentro do contexto escolar, onde as riquezas e magias que os livros proporcionam através da manipulação, valorização e exploração dos livros que é possível obter um íntimo conhecimento do mundo.

Quando a criança se envolve com a busca de histórias como conversas e livros de literatura com a mesma tranqüilidade, espontaneidade e liberdade com que utiliza e participa de outras riquezas como brinquedos e experiências ela, neste momento, está descobrindo um prazer para a vida.

As bibliotecas brasileiras, salvo raríssimas exceções, transformaram-se pouco a pouco em verdadeiros sarcófagos da cultura devido à falta de verbas para contratação de pessoal especializado e renovação de acervos. As leis que regem a instalação de bibliotecas municipais, escolares e industriais são visivelmente burladas: com isso, a comunidade se volta à mensagem ideológica da televisão e as crianças têm somente as mensagens colocadas no quadro-negro ou no livro didático da escola. (SILVA, in KHEDÉ, 1986, p.69).

Atualmente a realidade das bibliotecas não é muito favorável, percebe-se que os livros não são armazenados adequadamente e o número de títulos é em minoria, pois a grande parte das prateleiras é ocupada com livros didáticos, o que torna um ambiente apático à leitura.

Cabe à escola estar proporcionando um ambiente prazeroso para o desenvolvimento do gosto de ler literatura, pois este gosto é imprescindível e vital para um novo redimensionamento das relações entre as crianças e os livros, e a escola tem esse poder de estar transformando, pois a literatura é saudável, segura e anti-séptica para a preservação da pluralidade cultural que todos estamos envolvidos.

E, conseqüentemente, encantar-se por histórias que despertem sempre a curiosidade e o encantamento.

Recuperar esta literatura é também fazer um trabalho com os alunos, sugerindo que eles saiam a campo para coletar histórias com seus avós, vizinhos, pessoas mais velhas [...] todo povo tem suas histórias, muitas delas apenas esperando o momento de se tornarem conhecidas. (BUSATTO, 2004. p.85).

A história de vida de cada ser humano é sua identidade e seu referencial perante a sociedade, percebe-se que histórias, contos, poemas, brincadeiras e tradições dos antepassados estão se perdendo ao longo dos anos dando espaço para novas formas de entretenimento que muitas vezes tira o encanto e a magia de ser criança, por isso, é importante que os familiares resgatem suas histórias de vida e assim possam contribuir na construção da história de cada criança de forma significativa. Esse resgate feito com seus antepassados é uma forma de diálogo que vai aproximá-los criando um elo afetivo entre uma geração e outra, onde os mesmos sintam-se importantes e cúmplices.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

De acordo com Demo (in Orientações para a realização de trabalho de conclusão de curso – TCC. 2005. p.14) a pesquisa prática é *“a pesquisa está ligada à prática histórica em termos de conhecimento científico para fins explícitos de intervenção”*.

Outra forma de pesquisa que utilizamos é a pesquisa teórica, que *“é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, idéias, ideologias, polemicas, tendo em vista, em termos imediatos aprimorar fundamentos teóricos”*. (Ibidem, p.14).

Esse tipo de pesquisa também nos orientou dando a fundamentação teórica que é importante para sabermos utilizar a literatura infanto-juvenil de forma prazerosa e significativa e assim compreendermos os verdadeiros valores e sua trajetória até os dias atuais.

As pesquisas foram realizadas na Escola Classe 35 de Ceilândia com a professora Márcia Oliveira Santa Cecília Gonçalves com uma turma de 3ª série, composta por 24 alunos, sendo 12 meninos e doze meninas, sendo que um é portador de necessidade especial (cadeirante). No geral, a turma é tranqüila e participativa, de pouca aquisição financeira, porém gostam e brincar, fantasiar, o que propiciou o desenvolvimento das atividades propostas, inclusive gostam de ouvir histórias, lê-las e relatam que seus pais são grandes responsáveis pela sua formação.

Na mesma escola a professora Sandra Luiza de Oliveira atua com a turma de 4ª série composta de 30 alunos, sendo 17 meninos e 13 meninas. A turma é agitada por ser pré-adolescente, tendo um linguajar de baixo calão que causa bastante conflito.

Quanto ao cognitivo percebo que a minoria não tem interesse e acaba afetando o desenvolvimento das atividades.

No Centro de Ensino Fundamental Agroubano Ipê (CAUB I, Regional do Núcleo Bandeirante) a professora Sueli de Melo Álvares atua com uma turma de 3º Período composta de 39 alunos, com 17 meninas e 22 meninos, sendo dois portadores de necessidades especiais (um com deficiência visual e outro com anemia falciforme, que é caracterizada por fortes dores nas articulações e é indicado ao meso ingerir bastante água a fim de amenizar as dores). Os alunos estão distribuídos entre as classes sociais média/baixa, o que não gera conflitos quanto à aquisição de materiais e outros; são interessados, participativos e gostam de manusear e ler livros tanto do acervo da escola quanto os que trazem de casa.

No Centro de Educação Infantil 210 de Santa Maria, a professora Tânia de Oliveira de Sousa atua em uma turma de 1º Período, com 26 alunos, sendo 07 meninos e 19 meninas.

No geral a turma é agitada, isso se deve a sua idade, pois tem muita necessidade de movimentarem-se, elas relacionam-se bem com os livros de histórias fazendo leitura de figuras e dramatizações sob orientação da professora. Na sua maioria as crianças são de classe social média baixa podendo contribuir com APAM e eventos da escola.

Na Escola Classe 05 de Planaltina – DF a professora Vânia Benta Bonfim de Oliveira atua em uma turma de 4ª série composta por 40 alunos, onde 25 são meninos e 15 meninas, sendo que seis alunos já tiveram passagem pelo CAJE e são acompanhados pela justiça; são participativos; devido ao projeto de leitura e produção de texto que vem sendo desenvolvido no decorrer do ano desenvolveram gosto de leitura dramatização da mesma e assim expandindo este tipo de atividade em outras turmas da escola.

3.1 RELATO DAS ATIVIDADES

Para a realização das atividades fizemos a escolha de seis títulos que trabalham questões diferenciadas, relacionando-as de forma interdisciplinar e utilizando técnicas diferenciadas.

Iniciamos a contação de história com o texto “*O Rato*” de Paulo Tatic / Edith Derdyk Palavras Cantadas (apêndice nº 1), utilizando fantoches (rato, rata, lua, brisa, nuvem e parede) e do CD com a história contada. Foi necessário ensaio para que as vozes e movimentos se articulassem. Ficou a critério do professor apresentar na sala da aula ou no pátio ou conforme a comodidade, a finalidade de estar usando este meio é estar despertando nas crianças o gosto de ouvir histórias e assim poder envolver-se num ambiente mágico e prazeroso. Após a história discutimos pontos relevantes como: os problemas existentes na zona rural e urbana e preservação do planeta, mudanças de comportamento e os problemas que são gerados pela falta de equilíbrio ecológico entre eles, o caso da Hantavirose.

Em um segundo momento utilizando vestimentas adequadas a professora vestiu-se de bruxa acompanhada de uma vassoura, caldeirão, colher e macarrão, dramatizou a história “*Strega Nona, a avó feiticeira*”, Tomie de Paola, (apêndice nº 2), onde explorou a expressão corporal e a entonação de voz envolvendo os alunos num clima de tensão e satisfação e, em seguida, explorando questões como obediência, respeito às coisas alheias, enriquecimento do vocabulário e outros, percebeu-se que, ao estar caracterizado, os alunos ficaram compenetrados, o que nos leva a refletir sobre a importância de materiais diversos para contar histórias.

Com a dramatização da “*Linda rosa juvenil*” Cantiga de domínio popular (apêndice nº 3), foi possível ensaiar a música oralmente e desenvolver a expressão corporal que a música exigia já que as cenas eram acompanhadas pela música que outros alunos cantavam e pensando na importância de cada ser em sua integração fizemos um rodízio de personagens afim de que todos participassem.

Observamos que ao expressarmos a arte em movimento através da dramatização na qual os alunos participaram de forma integral e coesa.

Para a realização da mesma foi necessário utilizarmos a música como meio de conhecimento da história para que pudéssemos valorizar a cultura e os pré-requisitos inseridos na criança, despertando sua criticidade e criatividade diante o público.

Ao trabalhar a história “*A formiguinha e a neve*”, de João de Barro (apêndice nº 4), convidamos os alunos a formar um círculo e conversamos sobre a importância da solidariedade entre os seres humanos explorando o lado social, afetivo e emocional.

Logo em seguida, com o uso do avental contamos a história utilizando para cada personagem uma entonação de voz diferente, a fim de envolvê-los em um clima de concentração e curiosidade, deixando-os livres para a interpretação e o desfecho da narrativa, o que gera na criança imaginar um leque de interpretações o que vem a contribuir para a sua autonomia e assim perceber que todos somos criativos, basta usarmos o imaginário.

Para trabalhar a história “*Menina bonita do laço de fita*”, de Ana Maria Machado (apêndice nº 5), dispomos os alunos sentados no chão e em seguida fizemos um exercício de respiração e relaxamento com o objetivo de acalmá-los, para poder iniciar a contação da história, utilizando como recurso o próprio livro e, na medida da leitura eram apresentadas as gravuras, a fim de levá-los a refletir que todo ser é único, independente de sua classe social, cultural, raça, etnias, credos e outros.

Em seguida, propomos a confecção de um trabalho com papel camurça utilizando giz de cera, cola e lã para cada um fazer o seu auto-retrato e socializar entre eles, com isso percebemos que somos diferentes, com pensamentos diferentes e que devem ser respeitados; um outro título que vem a reforçar esta problematização é a história “*Galileu Leu*” de Lia Zatz (apêndice nº 6), em que trabalhamos utilizando o livro como recurso onde as figuras eram apresentadas conforme a leitura; os alunos apresentavam-se em círculos ou semicírculos, atentos e reflexivos quanto ao desfecho do texto, para culminar e avaliar utilizamos uma dramatização entre alunos para representar sua professora, o que oportunizou o aluno a usar de sua criticidade e criatividade quer é válido e que todo professor deve proporcionar, já que “educar é buscar a nascente da humanização, nadando contra a

correnteza”. Problemas e dificuldades sempre vão existir; o sábio é utilizar o pensamento e a criatividade para proporcionar histórias e aulas valiosas e marcantes.

4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com base na pesquisa que utilizamos através de questionários enviados aos pais e alunos, concluímos que os resultados da nossa investigação tinham fundamento, muitos pais optam para o entretenimento mais prático do eu na vida sócio-cultural dos seus filhos.

Entre os entretenimentos mais preferidos está a televisão.

Quanto à formação dos pais, 80% não possui o Ensino Médio completo o que gera essa falta de interesse e motivação tanto nos pais quanto nos filhos. A grande maioria percebe que é necessário investir mais na educação dos filhos, mas não desempenha o seu papel para a formação dos filhos, outros acreditam que a escola é a principal, senão única forma da criança estar aprimorando o gosto em ler literatura infanto-juvenil e assim fazer viagens e descobertas pelos livros que dispomos no acervo da biblioteca.

A grande maioria relatou que não há tempo para estar junto com os filhos e até mesmo um momento de ler um livro devido aos problemas de ordem pessoal e o trabalho, o que nos leva a concluir que a família precisa rever seus conceitos junto aos filhos sobre a qualidade de vida oferecida, conscientizando da necessidade de sentar e dialogar com os filhos para saber o que seus filhos falam e de maneira interage no meio, contar histórias e brincar. Quando acontecem estes momentos a criança sente-se feliz e assim forma sua personalidade percebendo que a família é seu porto seguro diante das diversidades do mundo.

De acordo com as referências bibliográficas lidas e nossas experiências, vimos que a criança necessita de envolver-se nas histórias, músicas e contos, para que haja significado em sua vida. E o uso de diversos recursos é fundamental para a contação de histórias, pois o uso de um determinado material muda totalmente a forma de ver a história, o que vem a contribuir para uma criança ter várias interpretações da visão de mundo. Cabe aos professores estar estimulando os alunos e levá-los a cobrar de seus pais esse envolvimento diário com a literatura.

Sabemos que através da literatura é possível estar solucionando problemas e discutindo assuntos relevantes, estimulando o crescimento de um ser crítico e autônomo diante de diversas situações.

Durante a contação das histórias observamos que as histórias que utilizamos, recursos como avental e fantoches foram bem mais aceitos, pois chamou a atenção e a concentração dos alunos, o que vem a reforçar que recursos diversos na arte de contar história são fundamentais.

Quanto às histórias em que usamos apenas o livro e a entonação de voz, a receptividade não foi muito grande, ocasionando conversas paralelas e conseqüentemente uma quebra no encanto de estar ouvindo história.

Outro ponto que nos chamou bastante atenção foi em relação à faixa etária das crianças, pois os menores demonstraram maior interesse nas obras literárias, o que nos leva a refletir que as crianças de 3ª e 4ª séries precisam ser mais estimuladas a ler literatura infanto-juvenil como uma forma de prazer e entretenimento e quando eles têm esse contato com a literatura percebe-se que o vocabulário e a forma de pensar e agir diferenciam-se dos outros.

5. CONCLUSÃO

Diante da relevância da Literatura Infanto-juvenil na vida da criança percebeu-se hoje, que ela foi usada durante os séculos XIX e XX com a finalidade de controle e manipulação das crianças. Um dos pontos que contribuiu para que a literatura fosse usada desta maneira foi a questão dela ter sido importada, ocasionando um distanciamento por não atender às necessidades dos ouvintes brasileiros e não os levasse ao fascínio e a imaginação, tornando-as pessoas desestimuladas, sem personalidade e até mesmo alienadas.

O autor que mudou esta visão foi Monteiro Lobato, pois percebeu que a criança necessitava de ouvir histórias para formar-se com o cidadão e tornar um ser sociável ao meio. Para isso, tinha que ser uma literatura diferente e ousada para chamar a atenção do seu público e, assim tomar gosto em ler literatura infanto-juvenil e não só as crianças aos jovens, despertando em cada um o fascínio e a imaginação, que são pontos importantes para estarmos bem no convívio do cotidiano.

Diante da importância que a literatura tem na vida das crianças, percebeu-se que pais e educadores precisam rever a forma como a literatura está sendo aplicada.

Percebendo o interesse das crianças nas histórias é necessário enriquecê-las conforme as aptidões de cada pessoa como: expressão corporal, fantoches, conto e reconto, entonação de voz, enfim, utilizar o recurso que mais lhe dê segurança.

A função da escola é de formar o sujeito em sua totalidade, levando ao educador a necessidade de perceber-se no papel de responsável para que a criança tenha o direito de vivenciar a inesgotável experiência da leitura e assim oportunizá-la a uma leitura de prazer onde as descobertas de mundo são seguidas de imaginação e experiências individuais, procedendo assim uma plenitude e a certeza de que a literatura é uma fonte inesgotável de prazer e de interpretações, o que é possível perceber que a literatura nunca está acabada, ou seja, sempre é possível estar criando novas interpretações devido à necessidade de estar atendendo e adequando aos novos públicos.

Cabe aos pais e educadores estar sensibilizando a criança em relação à literatura e, assim, aguçá-los a uma busca constante de títulos deixando-os sedentos de novas descobertas.

Para isso, é necessário que o professor tenha como hábito um planejamento sistemático de contação de histórias, entre eles: escolha de título, forma de contar e os materiais utilizados, senão houver planejamento, há uma grande possibilidade de não haver o

envolvimento, o que ocasiona frustrações, decepções e desprazer, tanto para quem conta como para quem ouve.

Portanto, como professores em formação, a oportunidade de refletir sobre a Literatura Infanto-juvenil na escola, com certeza, contribuirá para abrir caminho à concretização do objetivo da educação, da escola e da própria literatura: formar leitores críticos que façam acontecer a transformação da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRO, João de. **A formiguinha e a neve**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. In KHEDE, Sônia Salomão. **Literatura Infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**. Pequenos segredos da narrativa. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil e Juvenil**. 2 ed. São Paulo, 1991.

COLASANTI, Marina. **Fragatas para Terras Distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KIRINUS, Glória. **Criança e Poesia na Pedagogia Freinet**. São Paulo: Paulinas, 1998.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. 7 ed. Ática: 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais**. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MEC, Guia do Usuário do Programa Nacional, Biblioteca da Escola. **Literatura Infanto-Juvenil**, Brasília, 2001.

PALAVRA CANTADA. **O rato**. Paulo Tatic / Edith Derdyk. In: Coletânea Crer para ver: Natura. CD.

PAOLA, Tomie de. **Strega Nona, a avó feiticeira**. 4 ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1999.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. In FELIX, Joana d'Arc Bicalho. **Literatura Infanto-juvenil**. Aprendendo a Aprender: Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais, vol. 10. Brasília: UniCEUB.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. In KHEDE, Sônia Salomão. **Literatura Infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZATZ, Lia. **Galileu Leu**. 3 ed. Editora Lê; S/D.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infanto-Juvenil na escola**. 11 ed. São Paulo, 2003.

_____. **Como e porque ler**. A Literatura Infantil Brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Plano de aula

O rato (trabalho com fantoches)

Autor: Paulo Tatic / Edith Derdyk

Conteúdo: Trabalhando valores.

Objetivos

- Identificar a importância da conservação rural e urbana;
- Despertar a concentração ao ouvir histórias;
- Enriquecer o vocabulário;
- Conscientizar sobre a valorização do próximo;
- Resgatar valores e atitudes.

Desenvolvimento

*Conversa informal sobre a importância dos seres vivos através de figuras expostas, explorando o conteúdo apresentando em cada uma, fazendo algumas adaptações como:

- Qual a importância do homem da zona rural e urbana?
- Eles exercem as mesmas funções?
- O homem da zona rural e da urbana conserva o ambiente de forma adequada? (explorar produtos tóxicos, desmatamento queimadas, vestuários adequados, doenças, etc.)
- Explorar o respeito ao próximo e à natureza.
- Conscientizar quanto à mudança de comportamento à preservação do planeta.

Após a conversa informal a professora contará a história *O rato* e a *rata* através de fantoches.

Em seguida comentar sobre a história:

- Quais são os personagens?
- Qual o personagem que você mais gostou?
- O que você aprendeu com essa história?

Depois a professora organizará a turma em grupos onde alguns vão dramatizar, ou recortar a história ou conforme achar melhor trabalhar com a turma.

Recursos:

- Fantoques;
- Cenário;
- Sala ou pátio;
- Som;
- CD.

Recursos humanos:

- Professora
- Alunos.

Cronograma: 01 aula.

Avaliação: será feita através da participação dos alunos.

APÊNDICE II

Plano de aula

Strega Nona, a avó feiticeira

Autor: Tomie de Paola

Conteúdo: Respeito

Objetivos

- Enriquecimento do vocabulário;
- Conscientizar sobre o respeito ao próximo;
- Valorizar o material dos colegas.

Desenvolvimento

Caracterizar-se de bruxa e contar a história usando entonação de voz e expressão corporal.

Após contar a história, explorar pontos relevantes, como:

- Quais são os principais personagens da história?
- Porque todos respeitavam a bruxa?
- O que você aprendeu com a história?
- Vocês acham correto a atitude do menino? Por que?
- Vocês gostam que os colegas mexam com seus materiais sem a sua permissão? Por que?
- É correto apossar-se de material alheio?
- O que devemos fazer quando encontramos alguma coisa que não nos pertença?

Propor aos alunos a brincadeira (Caixa de Pertence), onde cada aluno colocará um objeto na caixa e logo em seguida a professora retirará sucessivamente os objetos, indagando quem é o dono (trabalhando a questão da honestidade).

Recursos:

- Vestuário
- Caldeirão
- Colher
- Macarrão
- Garfo
- Vassoura
- Sala ou pátio
- Caixa
- Objetos pessoais do aluno.

Recursos humanos:

- Professora
- Alunos

Cronograma: 01 aula

Avaliação: Será realizada através dos resultados da brincadeira da caixa.

APÊNDICE III

Plano de aula

A linda rosa juvenil

Autor: Domínio popular

Conteúdo: Trabalhando as discriminações

Objetivos:

- Proporcionar a integração dos alunos;
- Desenvolver as expressões corporais;
- Compreender a importância de cada indivíduo de: beleza, cor, classe social.

Desenvolvimento:

Ensinar a música oralmente às crianças, depois geral sobre a expressão corporal de cada personagem, confecção de roupas. Após a preparação, será realizada a dramatização, com revezamento de personagens o pátio da escola para toda a escola.

Em seguida retornará a sala de aula onde exploraremos os seguintes pontos:

- Indagar sobre o que eles acharam do trabalho em grupo;
- É fácil trabalhar em grupo? Por quê?
- Foi importante reconhecer e trabalhar com o colega que você não tinha afinidade?
- Essa interação foi importante?
- Todos temos os mesmos pensamentos quando trabalhamos em grupo?
- Podemos aprender com nosso próximo?

Recursos:

- Vestuários
- Pátio ou sala de aula

Recursos humanos:

- Professora
- Alunos

Cronograma: 01 aula

Avaliação: A avaliação será feita através de conversa informal.

APÊNDICE IV

Plano de aula

A formiguinha e a neve

Autor: João de Barro

Conteúdo: Trabalhando a solidariedade

Objetivos

- Perceber a necessidade de estar ajudando o próximo;
- Explorar as interpretações diversas;
- Identificar início, meio e fim da história;
- Proporcionar reflexões sobre as ações.

Desenvolvimento

Iniciaremos a atividade distribuindo revistas nos grupos, onde eles selecionarão figuras ou reportagens de diferentes realidades, como: social, econômica, política, familiar, violências e outros. Em seguida, confeccionar cartazes onde comentarão as possíveis soluções.

Para reforçar a atividade a professora, com o auxílio do avental contará a história da Formiga e a neve. Depois será feita a interpretação da história como:

- Alguém poderia salvar a formiguinha?
- Se houvesse um trabalho em equipe poderiam soltar o pé da formiguinha?
- Vocês costumam ser solidários com as pessoas?
- O que é ser solidário?
- Você já realizou um ato solidário? Cite.
- O que aconteceu com a formiguinha?

- Qual o fim que você daria?

Para fechar a socialização, ilustre o final da história e monte o mural.

Recursos

- Avental
- Fantoques de EVA
- Papel
- Lápis de cor
- Lápis de cera
- Borracha
- Cartolina ou papel pardo
- Revistas
- Tesoura
- Jornal
- Canetinha

Recursos humanos: Professora e alunos

Cronograma: 01 aula

Avaliação: Será feita através das soluções expressas pelos alunos.

APÊNDICE V

Plano de aula

Menina bonita do laço de fita

Autor: Ana Maria Machado

Conteúdo

- Identificar as diversas diferenças entre as pessoas
- Trabalhar a auto-aceitação
- Conscientizar sobre a importância das diferenças culturais

Desenvolvimento

Antes de iniciar a história os alunos serão convidados a fazer um breve relaxamento com o intuito de acalmá-los, logo em seguida iniciaremos a contação da história utilizando o livro e paralelamente as gravuras, será feita em seguida a interpretação e comentários da história: como:

- Porque somos diferentes?
- Seria interessante se fôssemos todos iguais? Por que?
- Você se valoriza? Como?
- Você respeita o modo de ser do seu colega?
- Propor uma discussão sobre as várias diferenças existentes.

E, para culminar a história faremos a seguinte atividade: em um pedaço de papel camurça fazer colagem ou desenho de pessoas e colar cabeças com cores diversas feitas de lã.

Recursos

- Livro
- Papel camurça
- Cola
- Giz de cera
- Lápis de cor
- Lã

Recursos humanos:

- Professora
- Alunos

Cronograma: 01 aula

Avaliação: Será feita através da participação dos alunos nas discussões e produções de trabalhos manuais.

APÊNDICE VI

Plano de aula

Galileu Leu

Autora: Lia Zatz

Conteúdo: Leitura de mundo

Objetivos

- Desenvolver a atenção e percepção;
- Estimular o gosto pela leitura de literatura;
- Enriquecimento do vocabulário;
- Respeitar e valorizar a forma de pensar e expressar de cada um.

Desenvolvimento

Pedir que os alunos sentem-se em círculo ou semi-círculo na sala ou pátio de acordo com a série a ser contada a história, conversar com eles sobre o gosto de ler, fazendo perguntas, como:

- Vocês gostam de ler? E de ouvir histórias?
- Qual o tipo de história que vocês gostam?

Contar a história e ao final questionar:

- Qual a parte que vocês mais gostaram?
- Vocês acharam certo a forma que a professora agiu com Galileu? Por que?
- Porque Galileu lia diferente?
- O meio em que Galileu vivia influenciava no modo de leitura dele?
- Como era Galileu?

- Como era a professora?
- Vocês gostariam de ter uma professora assim?
- E como é sua professora?
- Dramatize sua professora!

Recursos

- Livros

Recursos humanos:

- Professora
- Alunos

Cronograma: 01 aula

Avaliação: Através da dramatização para a professora se conhecer melhor.